

**O DEBATE PARA A PAZ TORNA-SE UTOPIA NA SOCIEDADE?
REFLEXÃO EM TORNO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS**

Armindo Armando¹
Elnora Gondim²
Tiago Tendai Chingore³

RESUMO: A Paz, desde muito, considerou-se como a ausência de guerra, por sua vez, passou a servir como ausência de todas as hostilidades e passa numa reflexão de cultura de Paz. Com Kant, no Sec. XVIII, começa a reflexão sobre a possibilidade de a Paz ser eterna. Kant elaborou tal como uma necessidade de toda a sociedade, assim sendo, na atualidade social, encontramos diversas classes, e que tais classes originam as desigualdades sociais. Assim, questiona-se: será possível termos a Paz Perpétua no mundo das desigualdades? Há necessidade da revisão da origem das desigualdades, assim, Rousseau destaca o privado e a definição do primeiro ocupante como a causa das guerras. Galvão destaca que a queda ou a crise moral é a causa da exclusão social, e tal exclusão social traz as desigualdades pois alimentada pelo neoliberalismo. Enquanto as sociedades se encontrarem estruturadas de forma vertical, entre as classes põe em causa a Paz Perpétua, e caso o egoísmo saia e haja um novo ordenamento das classes sociais sendo horizontais, há possibilidade de existir um entendimento eterno e evitar as violências sociais. Para que a paz perpétua seja uma realidade hoje, é necessário que as classes sociais sejam minimizadas e que haja uma sociedade ordenada em que as necessidades básicas fundamentem a justiça social.

PALAVRAS-CHAVE: Paz Perpétua. Classes Sociais. Desigualdades.

**DOES THE DEBATE FOR PEACE BECOME UTOPIA IN SOCIETY?
REFLECTION AROUND SOCIAL INEQUALITIES**

ABSTRACT: The Peace since long been considered as the absence of war, in turn went on to serve as the absence of all hostilities and passes a reflection of culture of Peace With Kant , in the XVIII century , begins to reflect on the possibility of Peace be eternal , Kant elaborated as a necessity for the whole society , thus the social actuality , we found several classes and that these classes originate social inequalities having questioned me , you can have the Peace Perpetual inequalities in the world , there need to review the origin of inequality and so Rousseau emphasizes the private and the definition of the first occupant as the cause of wars , Galvão highlights the fall or moral crisis , is the cause of social exclusion and social exclusion brings such inequalities as fueled by neo -liberalism . On how companies meet -structured vertically, between classes jeopardizes the Perpetual Peace and if selfishness skirt and there is a new order of social classes being horizontal there possibility of an eternal understanding and preventing social violence.

KEYWORDS: Perpetual Peace. Social Classes. Inequalities.

¹Doutorando em Língua, Cultura e Sociedade. Investigador do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) na Universidade do Minho. E-mail: ttendaigamachingore@gmail.com

²Doutora em Filosofia. Professora. E-mail: elnoragondim@yahoo.com.br

³Doutor em Filosofia Prática. Diretor Adjunto de pós-graduação. E-mail: ttendaigamachingore@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A paz é um bem necessário para uma boa convivência social. Com base nisso, este artigo passou necessariamente por uma reflexão em relação às origens e às consequências das desigualdades sociais. A paz, sendo ausência de todas as hostilidades e violências, é realmente uma das grandes necessidades da humanidade desde as primeiras instituições sociais e interessa ao político, ao religioso e ao cidadão. No Século XVIII, Kant tem a Paz como Perpétua, deixando de ser apenas um tratado religioso e passando a ser uma reflexão de toda sociedade acadêmica, filosófica e social. A Paz considerou-se como a ausência de guerra, passou a ser a ausência de todas as hostilidades, visto que as guerras nascem na mente da humanidade e o seu combate passa necessariamente pela inculcação da própria mentalidade humana.

Nessa perspectiva, a análise que se faz é referente às violências sociais, atualmente, serem uma realidade que tende a crescer, e para mudar tal situação é necessária a Paz, razão pela qual é pertinente, pois é uma preocupação da humanidade.

A Paz é um bem para a sociedade e fundamenta as suas bases nos direitos humanos preservados, assim sendo, para manter tal convivência de realizações coletivas, é necessário que a Paz esteja em primeira instância. Todavia o artigo objetiva conhecer as causas de o mundo não alcançar a Paz almejada por Kant, deste modo, materializando o seu projeto e identificando as razões que fazem com que a paz seja uma utopia no mundo das desigualdades.

Este artigo está organizado em três tópicos: o primeiro faz abordagem de artigos para a Paz; o segundo tópico faz uma exortação da Paz; e, por fim, o terceiro faz referência das desigualdades sociais e o seu impacto na utopia da Paz Perpétua. Nos procedimentos metodológicos, são empregados os métodos indutivo e monográfico/estudo do caso, a técnica de pesquisa bibliográfica.

2. PROJETO DA PAZ PERPÉTUA DE KANT

De acordo com Bobbio, citado por Bazzano no seu artigo publicado em 2007, o homem começa a refletir sobre a paz partindo do Estado de guerra. Nesse sentido, a historiografia tem sido um relato de guerras, e isso não foi diferente com a história da filosofia, existiu uma filosofia de guerra e surge, por sua vez, a filosofia da Paz, a qual surge quando a filosofia da guerra se esgota. A filosofia da Paz acredita que a guerra não é Estado habitual das relações humanas e é possível estabelecer a Paz como uma situação habitual entre os homens.

2.1 A FUNDAMENTAÇÃO DA PAZ

A Paz Perpétua de Kant, sendo projeto filosófico, necessita de uma fundamentação da Filosofia Política. Uma das funções da Filosofia Política é da reconciliação. Assim sendo, “quando dirigimos ao mundo um olhar racional, o mundo nos parece ter constituído de forma racional”, devemos aceitar e afirmar nosso mundo positivamente e não apenas nos resignar a ele (RAWLS, 2003, p. 4).

Conforme a citação acima, cabe a pergunta: se a paz é um bem precioso, a quem deve a responsabilidade de teorizar a Paz e materializá-la?

O homem precisa viver numa sociedade bem ordenada onde a concepção pública da justiça fornece um ponto de vista aceito por todos, a partir do qual os cidadãos podem arbitrar suas exigências de justiça pública (RAWLS, 2003, p. 12).

Kant, em sua obra *A paz perpétua, um projecto filosófico*, publicada em 1795, estabelece artigos preliminares e artigos definitivos para uma Paz Perpétua. “Não se deve considerar valido nenhum tratado de paz que tenha feito com a reserva secreta de elementos para uma guerra futura” (KANT, 2008, p. 120). Baseado nisso, é plausível afirmar que o difícil seria confiar na aparência e no pronunciamento de alguém em função da Paz num acordo que não guarda elementos para uma guerra futura?

No mundo inteiro, existiram muitas guerras, tais como: as guerras para coroar um príncipe e a luta para o fim das desigualdades sociais. Então, que responsabilidade social têm os indivíduos no mundo de guerra? O homem deve ter em conta com o outro, os valores éticos devem ser o fundamento de toda a sociedade, os príncipes devem se principiar pela Paz.

“Nenhum Estado se deve imiscuir pela força na constituição e no governo de outro estado” (KANT, 2008, p. 133). Logo, seriam os homens a implantar a verdadeira maldade na cooperação entre os Estados, uma cooperação não pode pôr em causa aos intervenientes, porque é que o acordo dos príncipes no envolvimento dos seus súditos não passa de uma consulta aos súditos? Kant critica o emprego de assassinos de um estado para outro permitindo a verificação do escândalo que advém.

Nos artigos definidos, “o direito das gentes, deve fundar-se numa federação de Estados livres” (KANT, 2008, p. 133), isso significa dizer que os povos, enquanto Estado, podem considerar-se como homens singulares que no seu Estado de natureza se prejudicam uns aos outros pela simples coexistência, e cada um, em vista da sua segurança, pode e deve agir em relação ao outro por meio de uma constituição civil na qual se possa garantir cada um o seu direito.

Nesses termos, a sociedade seria um sistema equitativo de cooperação social que se perpetuaria de uma geração para outra. Tal ideia é elaborada em duas fontes fundamentais: a ideia de cidadão (os que cooperam) como pessoas livres e iguais e a ideia de uma sociedade efetivamente regulada por uma concepção pública de justiça (RAWLS, 2003, p. 7).

2.2 EXORTAÇÃO PELA PAZ

É compreensível que o povo diga: “não deve entre nós haver guerra alguma, pois queremos formar um Estado, isto é, queremos impôr a nós mesmos um poder supremo legislativo, executivo e judicial que dirima pacificamente os nossos conflitos” (RAWLS, 2003, p. 18). Analogamente, Kant recomenda aos súditos que neguem completamente a guerra, e o poder que neles podem estabelecer pode-se servir de um princípio aos súditos. Observemos Kant como homem, o pensamento contra a guerra existente em Kant, porque não é universal? A desigualdade do homem seria oriunda na maneira de pensar? Os desacordos entre os homens são necessários, pois suscitam o espírito e a cultura de diálogo, o dogmatismo é superado numa situação que encontramos as discórdias e que não se pode necessariamente tender ao ceticismo. Ao político, assim como aos súbditos, cabendo cultivar a cultura de Paz, determinante ao bem-estar da humanidade.

Kant diz que é necessário seguir a posição dos que defendem a Paz e opõe-se a qualquer tentativa da *guerra justa* e ao ditado Latino *si vis pacem para bellum*, quem quer a paz prepara-se para a Guerra. Assim, Kant, fundando-se no *si vis pacem para instituam*, quem quer a paz, preocupa-se com a justiça. (CESCON, 2011, p. 27).

2.3 DESIGUALDADES SOCIAIS E A UTOPIA NA PAZ PERPÉTUA

Pode-se, plausivelmente, constatar que sem paz a justiça é uma simples quimera, a busca pela ordenação pacífica é necessária para uma vida melhor, é um direito válido universalmente. Em outras palavras, a paz é um meio promotor da justiça no mundo e há a necessidade da educação para a Paz, caso o contrário, sem a publicação requerida e sem a sua compreensão necessária, a paz corre risco de se tornar utópica. No entanto, em uma abordagem da Paz, não se deve esquecer termos de tolerância, igualdade, respeito. Isso é o que faz que uma sociedade justa deve encaminhar-se sempre para a paz.

Aqui, há de convir que a humanidade tem duas espécies das desigualdades, na qual a primeira é natural ou física porque é estabelecida pela natureza e que consiste na diferença das

idades, da saúde, das forças, do corpo e das qualidades do espírito ou da alma. A segunda são as desigualdades morais ou políticas porque dependem de uma espécie de convenção e que é estabelecida pelo consentimento dos homens, consiste nos diferentes privilégios de que gozam alguns com prejuízo aos outros como serem mais ricos, mais honrados, mais poderosos do que os outros (ROUSSEAU, 2002, p. 38).

Sendo assim, a Paz Perpétua fica irrealizável no seio das desigualdades sociais, pois as desigualdades criam o espírito e a tendência de terror entre os homens, as tendências da procura de formas de sobrevivências, as alternativas não são absolutas.

Para que o mundo atual alcance a Paz Perpétua, é necessário que as desigualdades sociais sejam minimizadas se calhar sejam niveladas, haja uma política internacional de reconhecimento entre as sociedades, indivíduos, religiões, nações, estados, políticos. Cabe aos homens crer na possibilidade de uma Paz Perpétua, pois para tal precisa de união na promoção do bem comum, partindo aos políticos, aos súditos, às grandes economias, seja para o bem social e não como via de acesso de indústrias bélicas.

Frente às desigualdades sociais, Rousseau destaca duas espécies:

Em quanto os homens se contentaram com as suas cabanas rústicas, em quanto se limitaram, a cozer a sua roupa de peles com espinhos ou a restas de pau, a se enfeitarem com plumor e conchas, a pintarem o corpo de diversas cores, aperfeiçoar ou embelezar os seus arcos e flexes, atalha com pedras cortantes, algumas canoas de pesca se aplicaram exclusivamente a obras que um só poderia fazer, a arte que não necessitava incurso de muitas maus viverem livres; são; bons e felizes, tanto quanto podiam ser pela sua natureza e continuarem a gozar entre si das doçuras de uma convivência independentes, risonhos que foi precioso regar. Desde o instante que o homem teve a necessidade do socorro do outro, desde que percebeu que era útil a um só ter provisões para dois, a igualdade desapareceu, a propriedade se introduziu, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas se transformaram em Caos, risonhos que foi preciso regar com suor dos homens. (ROUSSEAU, 2002, p. 104).

As desigualdades não se verificaram no âmbito em que o privado não se definia como hoje. É claro que as sociedades se encaram com muitos princípios astutos, existiu a lei do mais forte sobre os mais fracos, talvez tenha existido uma seleção natural no âmbito político, seria uma seleção dos cidadãos.

Aqui, vale lembrar Maquiavel, no seu terceiro Capítulo do *Príncipe*, onde ele distingue dois modos de se tornar um governante, o qual não pode ser, inteiramente, entregue à fortuna e aos valores. Baseado nisso, alguns atingem o principado pela maldade, por caminhos celerados contrários a todas as leis humanas e divinas e torna-se príncipe pelo favor do seu conterrâneo.

Num momento em que alguns violam os direitos humanos alcançando o principado, cria-se as desigualdades no seio do Estado e a seleção das classes. Essa separação traz uma astúcia no seio da humanidade. A classificação das espécies do homem é fundamentada por Hegel, que destaca quatro espécies do homem.

2.4 O CIDADÃO

O cidadão, desde que o racional é real é o que devia ser, e o Estado é racionalmente universal, o cidadão como particular deste Estado é sempre racional, real e como devia ser, ou seja, é moral, sua racionalidade particular é realizada no Estado. Como os particulares sozinhos não fazem universal, os cidadãos sozinhos não podem ser a consciência da liberdade, apenas o Estado como um todo, sua cultura é que realiza a liberdade, só a liberdade é cheia de caprichos e deve estar subordinada à liberdade universal como quando concretizada em uma cultura universal. No momento em que o homem⁴ ou indivíduo está consciente da sua liberdade, ele é o cidadão, simples indivíduos não são morais (HEGEL, 2001, p. 32).

2.5 O INDIVÍDUO

O indivíduo é caracterizado por Hegel como aquele que tem uma moral intrínseca e pessoal, existe nos indivíduos como inerentemente eterno e divino. Esta moral ética religiosa jamais é propiciada e garantida ou suplementada pelo Estado. Ela existe de maneira absoluta, nesse sentido, o homem é um fim em si mesmo, ele possui a divindade, não está sujeito ao desenvolvimento, mas existe em sua forma absoluta, isto é, a liberdade absoluta pela qual o homem é responsável em si, não importa em que circunstâncias estejam, as circunstâncias de sua vida, essa moralidade interior tem valor absoluto, infinito (HEGEL, 2001, p. 35).

2.6 O HERÓI E A VÍTIMA

O herói, que é o homem da moralidade absoluta ou individual que se funda com universalmente social com o espírito do mundo em direção à ideia absoluta, tem a situação

⁴Mamífero primata, bípede que se distingue dos outros animais pela capacidade de produção de linguagem articulada e desenvolvimento intelectual; indivíduo que se dedica a uma atividade intelectual.

histórica como o indivíduo com todos seus poderes, ele não é nada senão matéria-prima do espírito do mundo. É o homem herói que empurre a história para diante (HEGEL, 2001, p. 36).

A vítima, por sua vez, na história do Estado, Hegel coloca o herói que tem a sua energia como sujeito da história e o homem sem tal percepção e energia é o objeto da história, sua vítima, que é mulher/homem comum que prefere a felicidade e a grandeza (HEGEL, 2001, p. 38). Nos Estados atuais, é lógico destacarmos que a história é um avanço que se observa no seio de nós, alguns homens fazem a história que Hegel designa de sujeito da História e alguns são o motivo da existência que também chama de objeto da história, pois os objetos da história Hegel chama vítimas de um Estado, se existe uma revolução na razão entre os homens a procura de se libertarem da vítima para um outro aspecto moral, existem os homens que ficam aliados à valorização da liberdade. A classificação de Hegel aos homens não encontra intrínsecos com a mesma liberdade, e que para Kant põe a liberdade como uma condição *sine qua non* para a Paz Perpétua, os níveis de moralidade se revoltam aos outros, criando uma astúcia da razão entre os homens. Os homens implantaram o egoísmo na liberdade devido à desigualdade de distribuição de tal liberdade, seja a razão do egoísmo que Thomas Hobbes destaca a existência de *Guerra de todos contra Todos*, a desigualdade face na Justiça talvez seja o motivo que levou John Rawls a escrever *a justiça como Equidade*.

Talvez seja por esse motivo que Kant define iluminismo como a saída da menoridade para a maioridade. Os homens estão sujeitos à mudança caso não se apeguem com garras à sua menoridade, não reparem como uma imposição Perpétua da sua menoridade, a mudança de mentalidade é um imperativo para a Paz Perpétua. Complementando isso, Rousseau afirma:

Os ricos por seu turno mal conheceram o prazer de dominar, desdenharam em breve todos os outros servindo-se dos seus antigos escravos para súbditos novos, não pensaram se não em subjugar e escravizam os vizinhos. Uma espécie de direitos ao bem dos outros, equivalente segundo eles ao da propriedade e a igualdade rompida foi seguida da mais horrível desordem e assim que as usurpações aos ricos, os assaltos dos pobres, as usurpações desenfreadas sufocando a piedade natural a voz ainda mais fraca da justiça, tornaram os homens avarentos, ambiciosos e maus. A sociedade nascente foi praça do mais horrível estado de guerra. (ROUSSEAU, 2002, p. 111).

É nessa perspectiva que pode-se afirmar que a sociedade, para que alcance a Paz, é condicional a renúncia podendo voltar atrás, os desafios da vida determinam um egoísmo Perpétuo, como Rousseau aponta: “levantaram-se os direitos do mais forte e o direito do primeiro ocupante, um conflito perpétuo que só terminava com combates e morticínios”. Na nossa sociedade, o primar pelo diálogo é necessário para que os nossos diferendos não se tornem

em caos, a sociedade deve ser de acordo com Popper: *Sociedade Aberta*, que prima pelo diálogo, não um diálogo de transformação da nossa maldade interna em ações para o sofrimento dos inocentes, para tal, há necessidade da observância do nível das classes numa sociedade para o consenso no diálogo, talvez seria a causa das classes a origem da injustiça. Seja a responsabilidade da educação, na qual uma sociedade que pretende que seja uma sociedade agrária deverá cultivar uma educação agrária. Rousseau aponta que o homem é bom por natureza e que a educação que lhe é fornecida na sociedade é o fator da sua dignidade e a formação do seu espírito. Seja a educação a lanterna que pode nos tirar da minoridade para maioria.

A paz na sua globalidade envolve muitos fatores nos quais talvez seja necessário o campo da abordagem filosófica que é a ética.

3. A CRISE DA ÉTICA, MULTICULTURALISMO E O DEBATE LIBERAL PARA A PAZ

A ética, sendo um campo filosófico que se preocupa com o estudo da moralidade das sociedades, distingue o bem e o mal e determina os postulados sociais para o bem da sociedade. A crise da ética, em um regime social, acarreta uma série das distorções a seus membros, bem grave é a perda da liberdade que acontece em troca de perfilamento muitas vezes compulsória ou subjacente das pessoas a ideologia do sistema. Ser livre é um direito natural que o homem tem (GALVAO, 2001, p. 32).

Nesses termos, a sociedade liberal é aquela que tenta realizar, no maior grau possível, certos bens ou princípios de direito. Poderíamos pensar nela como uma sociedade que tenta maximizar os bens da liberdade e do autogoverno coletivo em conformidade com direitos fundados na igualdade (TAYLOR, 2000, p. 259).

Assim sendo, na questão da liberdade encontramos, na sua extensiva abordagem, a liberdade ética que Galvão se refere, que é aquela de fazer o que é bom, o que tem valor social. Dessa forma, a questão das desigualdades seria uma iniciativa da crise da ética, que traz com ela o neoliberalismo, que o centro é o mercado e por conseguinte o consumo e que o neoliberalismo traz com ela as desigualdades sociais, parece que Galvão estaria a acusar o capitalismo como responsável da crise da ética quando traz a exclusão social gerando a desigualdade.

É preciso que ao fazer as leis e ao julgar nossos congressistas e juízes de tribunais se apercebam que num país que tem um salário mínimo como o nosso seus ganhos são pouco éticos. (Galvão citando Jornal do Brasil: porque a ética foi jogada ao escanteio? 15/05/1992).

O capitalismo visando o lucro e a superação torna-se pouco ético à medida em que admite quaisquer medidas para a obtenção dos seus objetivos, além da carência da ética. (GALVÃO, 2001, p. 52).

Os capitalistas liberais rejeitam o valor ético da solidariedade como provimento de um sentimento pequeno e primário. “É errado querer solidariedade numa sociedade de consumo” (GALVÃO, 2001, p. 69).

O egoísmo atual verifica-se através da divisão das classes e a falta de nivelamento nas oportunidades entre as classes sociais e que acarreta nela crise de valores morais, o espírito humano fica tomado da astúcia e a maldade torna-se o fulcro da menoridade que o homem se enterra, a Filosofia da Paz só poderá ser implantada e ter o seu sucesso neste mundo enquanto a sociedade passar necessariamente por uma relação horizontal, porque na relação vertical o homem não crê na possibilidade de satisfazer os direitos do outrem. Apesar da consciência de enorme dificuldade que o homem pode-se libertar na menoridade de guerras para a maioridade de Paz perpétua. A originalidade da convivência do homem será alcançada visto que a história nos ensina os aspectos marcantes na passagem da idade medieval para idade moderna, em que o homem se liberta do dogma.

Para os Liberais, como DEWEY, a vida boa é um modo de vida de interação com o mundo e de resolver problemas que conduz ao progresso, crescimento individual e de transformação social. Dewey diz que a democracia liberal é um mecanismo político, a democracia liberal é forte quando toda sociedade está imbuída do espírito de democracia na família, na escola, nas instituições, nos negócios, nas indústrias, de modo que se torne instrumento do crescimento humano e de libertação (TAYLOR. 2000, p. 106).

O multiculturalismo, do ponto de vista liberal, diz que uma pessoa tem o direito de reivindicar o reconhecimento igual, antes de tudo, pela razão da sua identidade humana universal e potencial e não pela razão de uma identidade étnica. Assim sendo, a nossa identidade universal é a mais importante do que a identidade particular (TAYLOR. 2000, p. 106).

Por fim, acredita-se que para a estabilidade da Paz, deve-se dar resposta ao realismo político e, em seguida, o direito dos povos deve ter um processo paralelo que leve as pessoas, inclusive as sociedades liberais e decentes, a aceitarem a boa vontade das normas jurídicas,

porque assim os povos desenvolvem a confiança mútua, a medida em que o tempo vai passar, passa a aceitar a lei como um ideal de conduta (RAWLS, 2004, p. 557).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Kant acredita que o homem está em condições de erguer uma Paz Perpétua num total de acordos que possam lhe guiar, para tal, as teorias da Paz surgiram para a materialização da saída de uma Filosofia da guerra para a Filosofia da Paz desde o Século XIII.

Assim sendo, nas guerras que existiram e que constam na história universal até hoje, encontramos, no nosso seio, uma evolução dos problemas e que não cabe ao divino para a tal responsabilidade de assumir a postura humana na preservação dos fatos reais que possam agradar toda a sociedade, por conseguinte, observa-se que as classes sociais existentes hoje, acompanhadas pelo neoliberalismo, significam fator das desigualdades, quer moral, econômica, social e política. Nesse contexto, este fator da desigualdade está sendo mais notório no seio da humanidade.

Feita a desconstrução das teorias que possibilitam a paz, as reflexões elaboradas, o seu sentido é de reconhecer as teorias e fazer agir o nosso posicionamento como homens com valores e dignidade, só assim podemos encontrar as possíveis soluções da problemática. A relação vertical das classes sociais, enquanto na sociedade prevalecer, a Paz Perpétua torna-se utopia, visto que promove as desigualdades e coloca num escanteio os valores morais, dando efeitos nefastos no seio da humanidade. Portanto o respeito à vida é nela que podemos convergir as nossas reflexões da paz.

REFERÊNCIAS

CESCON, Everaldo et NODARI, Paulo Cesar. **Filosofia, Ética e Educação**: por uma cultura de Paz. São Paulo: Paulinas, 2011.

GALVÃO, Antônio Mesquita. **A Crise da Ética**: o Neo-liberalismo como causa da exclusão social. 4. ed. São Paulo: Vozes Editora, 2001.

HEGEL, Georg William Friederich. **A Razão na História**. 2. ed. São Paulo: Conexão na História, 2001.

KANT, Immanuel. **A Paz Perpétua e outros Opúsculos**. 6. ed. Lisboa: 2008.

OLIVEIRA, Ariana Bazzano. Simpósio em relações internacionais do programa de pós-graduação em relações internacionais San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP e PUC-SP, 2007).

RAWLS, John. **A Justiça como Equidade**: uma reformulação. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2003.

RAWLS, John. **O Direito dos povos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROUSSEAU, Jean Jeacques. **Discurso sobre as Origens das Desigualdades**. São Paulo: Ridendo Castigat Mores, 2002.

TYLOR, Charles. **Argumentos Filosóficos**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.